
Pós-verdade e os efeitos da modernidade líquida em tempos da COVID-19 na imprensa brasileira¹

Raphael Leal de Oliveira SANCHES²

Ivan PAGANOTTI³

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo, SP

RESUMO

Este artigo tem como objeto de pesquisa a pandemia da COVID-19 durante o primeiro ano pandêmico atravessado. Apoiado por autores como Zygmunt Bauman e Pierre Bourdieu, o estudo tem como objetivo, refletir as mudanças de época no campo do telejornalismo e a qualidade desta comunicação numa sociedade líquida e refém da pós-verdade. Na análise comparativa entre os telejornais: Jornal Nacional (TV Globo) e Jornal da Record (TV Record) do dia 23/05/2020 - Reunião do Presidente da República, Jair Bolsonaro, com os Governadores da Região Sudeste foi utilizada a metodologia documental descritiva no intuito de demonstrar qual telejornal optou em ser mais crítico ao governo federal e qual mais favorável ao governo do estado de São Paulo e, de que forma, estes posicionamentos foram demonstrados nas exibições dos telejornais.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; COVID-19; pós-verdade; sociedade líquida; telejornalismo.

INTRODUÇÃO

Até a popularização da internet e dos smartphones, a televisão era o principal meio de comunicação presente na casa dos brasileiros, mais até que a geladeira. A dupla formada pelo pequeno aparelho digitalmente inteligente somado a internet se tornou a prioridade de aquisição dos indivíduos que desejam mergulhar no mundo virtual para se manterem informados. Manter-se informado, inclusive, é o principal motivo de toda forma de comunicação adquirida. Porém, foi a televisão que uniu o áudio a imagem entregando a informação completa aos seus destinatários se tornando, então, um meio credível de comunicação. Se ao somente ouvir a informação restava dúvidas, a imagem

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Integrante do Grupo de pesquisa: CHECAR – Checagem, Educação, Comunicação, Algoritmos e Regulação, e-mail: raphallealoliveira@yahoo.com.br

³ Orientador do trabalho. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo. - Líder do Grupo de pesquisa: CHECAR – Checagem, Educação, Comunicação, Algoritmos e Regulação, e-mail: ivan.paganotti@metodista.br

passou a ser determinante para comprovar se aquele fato ocorreu ou não. No jornalismo, a televisão se concretizou como excelente vitrine já que bastava ver para crer.

Amparado, em seu referencial teórico, por autores como Zigmunt Bauman e Pierre Bourdieu, este estudo tem o objetivo de refletir as modificações ocorridas no telejornalismo e na sua forma de comunicar afetadas por uma credibilidade que se tornou líquida e refém da pós-verdade, frutos da atual modernidade. O primeiro ano da pandemia da COVID-19 é o objeto da pesquisa que analisa, utilizando a metodologia documental descritiva, a cobertura das duas maiores emissoras de telejornalismo no Brasil: Jornal Nacional (JN) da TV Globo e Jornal da Record (JR) da TV Record.

Dividida em três partes, a pesquisa recorda o papel informativo do jornalismo nos tempos glamorosos da televisão que desfrutava de uma credibilidade estável e, atualmente, compete e divide sua audiência com diversos meios modernos de comunicação: redes sociais, blogs e canais no *Youtube*. Através da multiplicação das fontes informativas, a presente pesquisa analisa os efeitos da modernidade líquida no campo do telejornalismo onde a credibilidade passa a ser questionada nos meios tradicionais de comunicação e sua audiência enfraquecida. O estudo finaliza com a análise dos telejornais do dia 25/03/2020 onde ocorreu a repercussão do conflito entre dois governantes: o Presidente da República (Jair Bolsonaro) e o Governador do Estado de São Paulo (João Dória) que trocaram acusações públicas nesta mesma reunião a respeito do isolamento social adotado durante a pandemia da COVID-19 e defendido pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Retratando a competição pela audiência abordada por Bourdieu (1997) e ressaltando que as exibições dos citados telejornais são diferentes em seus posicionamentos políticos sobre as ações do Governo Federal e Estadual demonstrando as consequências da modernidade líquida atual e pós-verdade.

O TELEJORNALISMO E O SEU PAPEL INFORMATIVO

O jornalismo é um serviço informativo social que se adaptou à diversos formatos nas evoluções tecnológicas existentes para alcançar o seu público. Este serviço é muito observado e absorvido pelos consumidores, mas algumas curiosidades não foram manchetes e, portanto, nem todos conhecem: o primeiro produto noticioso nasceu, segundo registros, na capital italiana- Roma em 59 a.C. “com o nome de *Acta Diurna*, onde Júlio César mandava postar nos muros da cidade. (...) Nos anos de 748, surgiu o primeiro jornal impresso em Pequim”. (COSTA, 2009, p. 27). Daí adiante, a notícia foi

se espalhando literalmente: 1808, o primeiro jornal brasileiro é impresso em Londres. O rádio dá voz a notícia pela primeira vez no Brasil em 1922. E na televisão, o noticiário surge, com imagens, em 1950. Independente da notícia ser impressa, em áudio ou áudio visual, transmitida pela antena ou via wi-fi, o jornalismo continua exercendo o seu ofício: informar. “Não é o jornalismo que muda, mas sim a forma de comunicação”. (COSTA, 2009, p. 259).

Já “a forma” citada acima não é somente destinada pelo meio de transmissão. A comunicação pode sofrer modificações dependendo da linha editorial, patrocinador ou devido a outros interesses econômicos e políticos. Neste aspecto, Bourdieu (1997) questiona a participação de alguns jornalistas em programas de televisão. “Com efeito, tenho a impressão de que, ao aceitar participar sem se preocupar em saber se poderá dizer alguma coisa, revela-se muito claramente que não se está ali para dizer alguma coisa, mas por razões bem outra, sobretudo para se fazer ver e ser visto”. (BOURDIEU, 1997, p. 16).

Costa (2009) defende o mesmo ponto de vista de Bourdieu (1997) quando diz que “o jornalismo é um ofício. Um ofício tão banal quanto trágico e glorioso” (COSTA, 2009, p. 259). Trágico no sentido negativo de executar mal o ofício e glorioso no sentido de fazer bem e querer ser visto pela sociedade.

O telejornalismo, portanto, acaba por potencializar a vaidade do jornalista e com compromissos e comprometimentos assumidos (BOURDIEU, 1997), a notícia e a forma como noticiá-la se transformam numa vitrine e este ofício passa a ser valorizado. Barbie Zelizer, professora e Doutora em Comunicação pela Universidade da Pennsylvania, ressalta a inegável importância do jornalismo na história da sociedade, afirmando que o jornalismo cresce exponencialmente com um papel fundamental de auxiliar as pessoas a compreenderem o dia a dia de suas vidas como a ligação com o corpo político mais amplo. (ZELIZER, 2007). Por outro lado, diante dos avanços tecnológicos presentes, “o jornalista tradicional começou a perder a sua primazia e, de certa forma, a concorrer com as múltiplas possibilidades de comunicação e com novos atores em cena: múltiplas redes de comunicação independentes”. (COSTA, 2009, p. 26).

E para segurar o público, mantendo a concorrência, é importante refletir sobre a manipulação no meio televisivo: “Quanto melhor se compreende como ele funciona, mais se compreende também que aqueles que dele participam são tão manipulados quanto manipuladores”. (BOURDIEU, 1997, p.21). Para o autor francês, a concorrência e a busca constante pelo furo de reportagem suscitam outras consequências no jornalismo como a

precipitação na informação devido ao signo da velocidade e da constante necessidade de atualizar o conteúdo. Devido as evoluções tecnológicas, outros desafios aparecem com a chegada das novas mídias e sua rápida dispersão de conteúdos através das redes sociais. Se antes, pelo telejornalismo era mais fácil controlar e acompanhar os conteúdos produzidos, agora, cada cidadão tem em mãos a possibilidade de produzir e despejar suas informações de forma unilateral sem se importar com alguma linha editorial que o jornalista tinha sobre si e que não tem mais nos elos da comunicação de instituições públicas ou privadas. A via da informação chega ao destinatário de diversas formas. “Não muda o modo de fazer jornalismo, mas a importância que o jornalista tinha, e que não tem mais, nos elos da comunicação”. (COSTA, 2009, p. 259). Os tempos atuais são diferentes: qualquer um tem em mãos a possibilidade de atingir milhões de pessoas, através de blogues, redes sociais e canais pessoais no *Youtube*. As vias antigas de comunicação continuam a existir, portanto, competindo, agora, com estes novos formatos.

VERDADE E PÓS-VERDADE NA SOCIEDADE LÍQUIDA

Costa (2009) reflete se a modernidade líquida criticada por Zigmunt Bauman em seu livro não era fluida desde o seu nascimento ou se o ato de derreter os sólidos não seria a principal ação desta modernidade que vivemos:

A expressão “derreter sólido” foi cunhada por Karl Marx e Friedrich Engels e, naquele momento, mais de um século e meio atrás, se referia ao tratamento que o “espírito moderno” dava a uma sociedade considerada estagnada demais para mudar, que deveria ser emancipada de sua própria história e que isso aconteceria se derretessem os sólidos, dissolvendo-se o que quer que persistisse no tempo e fosse infenso às mudanças. (COSTA, 2009, p. 201-202).

Nada é feito para durar. Os elos tradicionais de patrão e empregado são rompidos na sociedade atual. As antigas recordações das aposentadorias concretizadas após mais de 35 anos de trabalho numa mesma empresa são transformadas na presente modernidade. Incoerente seria se a independência do tradicionalismo ocorresse somente no trabalho. Este rompimento para o sucesso da modernidade líquida abordada por Bauman (2001) deve acontecer no dia a dia das pessoas nas mais diversas ações, pensamentos e costumes. A tecnologia entra como este passatempo para a liquidez e depois impregna se tornando necessidade absorvendo as mais diversas informações de seus usuários. A rapidez e o imediatismo altamente promovido pela atual modernidade envolve a rotina dos indivíduos. Ninguém aguenta mais esperar. A novidade do imediato seduz o ser humano

que anestesiado pela fluidez tecnológica onde tudo funciona ou é descartado (BAUMAN, 2001) o faz pensar que esta realidade é somente para os outros até que as ondas desta liquidez moderna começam a invadir sua própria vida.

A verdade de opinião (ARENDRT, 1995) passa, então, a ser proclamada na sociedade líquida por muitas vozes. A comunicação que era difundida por empresas tradicionais (BOURDIEU, 1997) é rompida refletindo mudanças nesta comunicação. Inclusive, se fosse possível voltar no tempo, o efeito da comunicação no espaço público refletido por Habermas (2014) já mudou por completo na sociedade líquida. A modernidade da teoria crítica era pesada, rígida. A modernidade atual é leve, fluída. (COSTA, 2009).

O jornalista não é somente mais aquele que aparece num determinado canal de televisão. Se quebra os padrões da informação (COSTA, 2009) como a própria qualidade desta comunicação. Muitas vozes passam a difundir interpretações diferentes do mesmo acontecimento, não mais atrelados as linhas editoriais das grandes empresas de comunicação que pertencem, mas sim, por outros motivos e interesses: financeiros, políticos, tecnológico - cliques, *likes*, *viewers* e o voyeurismo previsto por Orwell (2020).

Surge, então, uma nova palavra que chacoalha este oceano da modernidade atual: a pós-verdade. A primeira publicação registrada do termo pós-verdade aconteceu em 1992 e foi realizada pelo cineasta Steve Tesich ao publicar um artigo para a revista *The Nation* (TESICH, 1992). O termo surgiu ao caracterizar a ação americana no caso *Watergate* – ressaltando diversos abusos de poder atrelados ao presidente Richard Nixon e seu governo. Seguindo o pensamento de Dunker (2017), “A definição de pós-verdade nasce atrelada ao gesto político, significando uma sociedade que se importa mais com o seu bem-estar diante das informações do que com a qualidade delas ou sua ligação com o real”. (SIEBERT, PEREIRA, 2020).

A possibilidade de uma verdade em caixa alta, capaz de nos explicar o desconhecido, não vem mais ao caso. Contentamo-nos com pouco. E esse pouco é a pós-verdade. A verdade que podemos aceitar. A verdade que cola, a que vemos circular, a que podemos produzir publicitariamente, a que alimenta a mídia. A verdade que conseguimos alcançar quando, em um regime antigo, a verdade era aquilo que esperávamos conseguir. (DUNKER et al., 2017, p. 107).

O termo passa a ser muito utilizado em discursos e debates e se inseriu nas redes sociais. Segundo o dicionário Oxford, a pós-verdade foi a palavra do ano em 2016 e

possui o seguinte significado: “Relacionar-se ou denotar circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e à crença pessoal”. (OXFORD DICTIONARIES, 2016, não paginado, tradução nossa). A pós-verdade se destaca pelo seu forte apelo emocional com características de discursos de ódio e à ideia de que seu significado representa “algo que aparenta ser verdade é mais importante que a própria verdade em si”. (MELO, ROSA, OLIVEIRA, 2020, p. 29).

Em seguida, foi a vez da revista americana *The Economist* também relacionar a pós-verdade com a política ao debater a campanha à presidência da república de Donald Trump. “Trump é o principal expoente da política ‘pós-verdade’ — uma dependência de afirmações que ‘se sentem verdadeiras’, mas que não têm base de fato. Sua ousadia não é punida, mas tomada como prova de sua vontade de enfrentar o poder de elite”. (ART OF THE LIE, 2016, tradução nossa).

Aqui no Brasil a pós-verdade reflete suas consequências de uma forma mais alarmante durante a cobertura jornalística pandêmica da COVID-19 misturando posicionamento político com posicionamento científico. “Assim, alguns outros rituais deveriam ser somados às práticas jornalísticas e o primeiro deles é avaliar se o fato é controverso, se a controvérsia é pertinente socialmente em tal momento ou coloca vidas em risco e, ainda, se os ‘lados’ em questão são de fato equivalentes”. (AMARAL, SOUZA, 2021, p. 356). Filtrar política e ciência com seus interesses se tornou necessário e, ao mesmo tempo, desgastante, exigindo dos jornalistas conhecimento científico “sem ter a devida formação ou experiência para isso” (AMARAL, SOUZA, 2021, p. 343) e uma total atenção às entrevistas das fontes. Fora isso, a necessidade de publicar, postar ou entrar ao vivo, constantemente, traz consequências a estas informações impossibilitando a devida checagem e vulnerabilizando o conteúdo.

A pós-verdade também tem sido apoiada pela evolução da mídia (...). A fragmentação das fontes de notícias criou um mundo atomizado no qual mentiras, rumores e fofocas se espalham com uma velocidade alarmante. Mentiras que são amplamente compartilhadas online dentro de uma rede, cujos membros confiam uns nos outros mais do que confiam em qualquer fonte da mídia tradicional, podem rapidamente assumir a aparência da verdade. Apresentadas com evidências que contradizem uma crença que é muito realizada, as pessoas têm a tendência de abandonar os fatos primeiro. Práticas jornalísticas bem intencionadas também são culpadas. A busca da “justiça” na reportagem muitas vezes cria um equilíbrio falso às custas da verdade. Cientista da NASA diz que Marte provavelmente está desabitado; O

Professor Snooks diz que está cheio de alienígenas. É realmente uma questão de opinião. (ART OF THE LIE, 2016, tradução nossa).

Portanto, para que a pós-verdade ou qualquer acontecimento de interesse se estabeleça e tenha relevância “é preciso que ele circule”. (SIEBERT, PEREIRA, 2020, p. 243).

Pessoas que, hoje em dia, podem colocar-se em contato, em tempo real, com todos aqueles que pensam – ou não pensam – da mesma forma que elas e criar verdadeiras “tendências” de opinião, capazes de mudar os rumos do debate público.

A partir da perspectiva mais pessimista, seria possível dizer, usando as palavras de Umberto Eco, que a web e as redes sociais deram “direito de falar a legiões de idiotas” que antes não tinham voz. (BERCKEMEYER, 2007, p. 27).

Atualizando a frase citada de Umberto Eco, o Ministro do STF, Alexandre de Moraes, afirmou no dia 14 de maio de 2022 que a “A internet deu voz aos imbecis”. (GLOBO, 2022). Esta frase logo repercutiu nos meios de comunicação do país gerando, para a população, uma demonstração de preconceito com quem publica conteúdos na internet. Por outro lado, a frase de Alexandre de Moraes, pode ser também refletida como certo desabafo, devido a imensa quantidade de pós-verdade presentes nas redes sociais como já falado neste estudo, algo que não acontecia com frequência nos tradicionais jornais televisivos. “Por isso os veículos tradicionais de mídia têm dificuldade de manter certo grau de confiabilidade: eles não detêm mais o monopólio da ‘verdade’”. (SIEBERT; PEREIRA, 2020, p. 246).

GLOBO X RECORD: LIQUIDEZ E PÓS-VERDADE COMO DESAFIOS NA COBERTURA DA COVID-19 DO TELEJORNALISMO

Em tempos cada vez mais líquidos e recheados de pós- verdade, os telejornais tradicionais, buscam recuperar seus históricos de credibilidade exibindo, ao fim do dia, os assuntos mais importantes. O JN e o JR enfrentam as consequências da quebra do citado monopólio da verdade na atual modernidade.

Essa formidável censura que os jornalistas exercem, sem sequer saber disso, ao reter apenas o que é capaz de lhes interessar, de ‘prender sua atenção’, isto é, de entrar em suas categorias, em sua grade, e ao relegar à insignificância ou à indiferença expressões simbólicas que mereceriam atingir o conjunto de cidadãos. (BOURDIEU, 1997, p. 67).

O autor caracteriza o destaque aos fatos como consequência do investimento (patrocinador) que está por detrás daquele programa noticioso televisivo ou da clientela, chamada indiretamente como “índice de audiência”. “Na lógica específica de um campo orientado para a produção desse bem altamente perecível que são as notícias, a concorrência pela clientela tende a tomar a forma de uma concorrência pela prioridade, isto é, pelas notícias mais novas (o furo)”. (BOURDIEU, 1997, p. 107).

As coberturas do JN e do JR durante a pandemia da COVID-19 retratam abordagens políticas diferentes diante da linha editorial escolhida e da pandemia atravessada. “O jornalismo precisou estar ‘à frente do tempo’ numa tensão contínua em que milhões de vidas estavam em perigo”. (AMARAL, SOUZA, 2021, p. 335) e do grave problema sanitário que alarmou o mundo. Segundo as autoras, a pandemia acelerou o tempo que já é algo tão importante para o jornalismo. A instabilidade do levantamento das informações, o trabalho *home office* de muitos profissionais e a dificuldade de encontrar fontes científicas embasadas e atualizadas era uma dificuldade constante. “Talvez seja possível afirmar que o tempo da ciência e o tempo do jornalismo em alguns momentos andaram ineditamente compassados”. (AMARAL, SOUZA, 2021, p. 336).

Com intuito de demonstrar a gravidade pandêmica e os posicionamentos editoriais diferenciados dos maiores telejornais brasileiros, este estudo analisa as edições dos dois telejornais do dia 25/03/2020 quando ocorre o atrito entre o Governador do Estado de São Paulo: João Dória e o Presidente da República: Jair Bolsonaro numa reunião, online, entre governadores da região Sudeste para debater sobre as medidas de combate ao coronavírus. Bolsonaro realizou reuniões online com os governadores das cinco regiões do país. No dia 23 de março (segunda-feira) se encontrou com governadores da região Norte e Nordeste e no dia seguinte, terça-feira, se reuniu com os mandatários das regiões Centro Oeste e Sul. Na reunião com os governadores da região Sudeste, Bolsonaro reforçou seu posicionamento contrário ao isolamento social estipulado pela OMS através de seus órgãos (OPAS, 2020, p. 2).

Vale ressaltar que este objeto de pesquisa citado acima, é uma análise específica da pesquisa maior desenvolvida no mestrado e que contará com outras edições dos programas jornalísticos referenciados para sistematizar e identificar como isso acontece com maior frequência.

No dia 25 de março, a edição do JN⁴ abre com a manchete a respeito do posicionamento de Bolsonaro. Mais da metade do tempo dedicado as manchetes do noticiário é dedicado ao assunto.

Tabela 1: Exibição do Jornal Nacional– 25/03/2020

Telejornal:	Número de temas abordados na abertura do noticiário:	Tempo total dedicado as manchetes:	Tempo dedicado ao assunto em análise:
JORNAL NACIONAL	8	93 segundos	56 segundos

Fonte: Autoria própria

O JR⁵ possui um comportamento diferenciado do concorrente. Abre o noticiário com a exibição de uma reportagem sobre outro assunto e depois segue com os destaques do telejornal. A manchete sobre o mesmo tema abordado pelo JN é a de número 2.

Tabela 2: Exibição do Jornal da Record– 25/03/2020

Telejornal:	Número de temas abordados na abertura do noticiário:	Tempo total dedicado as manchetes:	Tempo dedicado ao assunto em análise:
JORNAL DA RECORD	5	30 segundos	4 segundos

Fonte: Autoria própria

O JN destacou mais o assunto que o JR na abertura da edição. Além de investir tempo ao ocorrido, abriu o noticiário demonstrando que o fato foi grave e com fortes repercussões. Já o JR, colocou o assunto como de segunda importância e dedicou pouco tempo a manchete, demonstrando que o ocorrido não era tão relevante assim. O estudo analisa também o tempo dedicado à exibição do conteúdo sobre a reunião nos dois telejornais.

Tabela 3: Tempo de exibição das reportagens sobre a Reunião dos governadores da Região Sudeste- dia 25/03/2020

Telejornal:	Posição reportagem exibida no telejornal:	Tempo exibição reportagem:
JORNAL NACIONAL	8ª	4 minutos e 30 segundos

⁴ Edição do Jornal Nacional disponível: <https://globoplay.globo.com/v/8431977/>

⁵ Edição do Jornal da Record disponível: <https://noticias.r7.com/jr-na-tv/integras/videos/assista-a-integrado-jornal-da-record-25032020-23052022>

JORNAL DA RECORD

8ª

3 minutos e 43 segundos

Fonte: Autoria própria

Em ambos os noticiários, as matérias foram de número oito na exibição. No JN, o tempo da reportagem foi maior do que no JR praticamente um minuto a mais. Sobre a chamada da reportagem, conhecida como a cabeça– texto que o apresentador lê antes da matéria ser exibida é possível perceber na Tabela 4 como cada telejornal confeccionou.

Tabela 4: Texto e tempo da chamada da matéria- 25/03/2020 nos telejornais

	TEMPO da chamada:
JN: <i>Willian Bonner (apresentador e editor chefe do Jornal Nacional):</i> A reunião, apenas com governadores do Sudeste nesta manhã, teve uma discussão entre o de São Paulo, João Dória, e o Presidente Bolsonaro. Dória criticou o discurso feito ontem pelo presidente.	12 segundos
JR: <i>Sérgio Aguiar (apresentador do Jornal da Record):</i> O presidente, Jair Bolsonaro disse hoje que vai discutir com o Ministro da Saúde, formas de reduzir o isolamento social para conter a disseminação do coronavírus.	13 segundos
<i>Adriana Araújo (apresentadora do Jornal da Record):</i> Segundo o Presidente isso pode evitar o agravamento da crise econômica.	

Fonte: Autoria própria

Em sua edição, o JN realizou a chamada da matéria destacando o fato da discussão entre o Presidente da República e o Governador do Estado de São Paulo. Já o Jornal da Record, não mencionou a discussão na chamada da matéria, preferiu citar somente o posicionamento do Presidente: contrário ao isolamento social para toda a população (na época, o presidente se manteve à favor do isolamento social somente para as pessoas do grupo de risco como, por exemplo, os idosos).

Na Tabela 5, é possível perceber os pontos abordados nas matérias das duas emissoras jornalísticas. A análise buscou informações sobre como cada emissora cobriu o mesmo assunto, refletindo características adotadas por cada telejornal.

Tabela 5: Pontos abordados no conteúdo da reportagem nas duas emissoras- 25/03/2020

	JORNAL NACIONAL	JORNAL DA RECORD
Posicionamento João Dória:	Sim	Sim
Posicionamento Jair Bolsonaro:	Sim	Sim
Posicionamento Jair Bolsonaro com imagens:	Não	Sim
Posicionamento João Dória com imagens:	Sim	Sim
Posicionamento João Dória com legenda:	Sim	Não

Posicionamento Jair Bolsonaro com legenda:	Sim	Não
Maior tempo nas sonoras de João Dória:	Sim	Não
Maior tempo nas sonoras de Jair Bolsonaro:	Não	Sim
Reportagem com posicionamento crítico a Jair Bolsonaro:	Sim	Não
Reportagem com posicionamento crítico a João Dória:	Não	Não
Reportagem com posicionamento à favor de Jair Bolsonaro:	Não	Sim
Reportagem com posicionamento à favor de João Dória:	Sim	Não

Fonte: Autoria própria

Após a análise entre os dois principais telejornais brasileiros é possível perceber a proximidade do JR, na reportagem citada, ao Governo Federal e por parte do JN proximidade ao Governador do Estado de São Paulo. A análise faz sentido desde o destaque mais crítico na abertura das manchetes do noticiário da TV Globo (ver Tabela 1). Por parte do noticiário da Record, o destaque da mesma informação é mais branda, ocupando menos tempo na abertura do telejornal (ver Tabela 2).

No noticiário da TV Record a reportagem aborda, além do factual sobre o debate entre Dória e Bolsonaro, a coletiva com a imprensa de Bolsonaro no famoso *cercadinho* (grifo nosso) com os apoiadores, em frente ao Palácio do Alvorada, onde ressalta que conversará com o Ministro Saúde (Luiz Henrique Mandetta, na época) para redução do isolamento social e preservação da economia.

A edição do JN foi dedicada a atualização mundial da COVID-19. Sobre a cobertura nacional, realizou um apanhado dos principais casos e as primeiras mortes pelo coronavírus fora do estado de São Paulo. Na editoria sobre política, a abordagem foi mais ampla do que o factual sobre a reunião de Bolsonaro com os governadores da região Sudeste repercutindo outras falas do governador do estado de São Paulo e dos mandatários das demais regiões do país criticando o posicionamento de Bolsonaro. O JN recuperou o pronunciamento do Presidente da República do dia anterior - 24/03/2020 em cadeia nacional, onde caracteriza o vírus da COVID-19 como uma “gripezinha”. O tempo total da edição ficou em uma hora e dezenove minutos.

Já as reportagens exibidas pelo noticiário da TV Record foram bem semelhantes ao jornal concorrente com atualizações nacionais e mundiais dos casos da COVID-19, além dos novos casos no Brasil. As diferenças se resumem no tempo menor de duração: cinquenta e dois minutos de exibição e pouco destaque à repercussão da reunião de Bolsonaro com os governadores da região sudeste.

A Tabela 5, destaca o posicionamento das duas emissoras a respeito do Governo Estadual e Federal. Demonstrando que a matéria do JN é mais favorável ao posicionamento das organizações sanitárias defendida pelo governador do Estado de São Paulo transparecendo maior apoio político a João Dória. Por outro lado, o JR, deixa claro a sua opção pelo Presidente da República evitando críticas ao posicionamento de Bolsonaro. No comentário realizado pelo jornalista Augusto Nunes no JR⁶ ocorre críticas aos governadores favoráveis ao isolamento social, sem citar o nome de Dória e deixa claro a aprovação ao posicionamento de Bolsonaro:

(...) governantes nativos parecem disputar um campeonato que premiará quem primeiro suprimir o direito de ir e vir completamente, mas, felizmente, vai crescendo o número de especialistas e jornalistas que pavimentam o caminho da racionalidade. Para eles faz sentido o isolamento dos que pertencem ao grupo de risco, faz sentido a adoção de cuidados preventivos que desacelerem a expansão da pandemia. O que não faz sentido é a reclusão de gente saudável e que não corre perigo por tempo indeterminado. Essa gente deve voltar ao trabalho o quanto antes para garantir a própria sobrevivência e impedir a destruição da economia. A recessão aguda mata mais que epidemias.

O comentário citado acima e as reportagens comparadas no objeto deste estudo demonstram posicionamentos antagônicos sobre as orientações sanitárias da Organização Mundial da Saúde (OMS) referentes as direções sanitárias, contribuindo para divisão e maior confusão na população, politizando a pandemia e enfraquecendo sua importância. Ou seja, quebra-se o verdadeiro significado do que é a administração e serviço público, causando a liquidez do significado da representação política. O que antes era sólido se torna líquido e sem importância para a população (BAUMAN, 2001).

Já para Bourdieu (1997) o tempo é algo escasso na televisão e os minutos são empregados nos programas televisivos para tratar de assuntos sem relevância, omitindo, acontecimentos, de fato, importantes. Ou seja, existe ligação entre o pensamento de Bauman e de Bourdieu: ocupar o tempo das pessoas com informações vazias, inverdades, passatempos visuais ou acontecimentos banais, desorienta o que é sólido (verdadeiro) no campo da informação e o líquido representa a banalidade dos fatos e a manipulação da informação.

Se insisto nesse ponto, é que se sabe, por outro lado, que há uma proporção muito importante de pessoas que não leem nenhum jornal; que estão devotadas de corpo e alma à televisão como fonte única de

⁶ Edição do Jornal da Record disponível: <https://noticias.r7.com/jr-na-tv/integras/videos/assista-a-integrado-jornal-da-record-25032020-23052022>

informações. A televisão tem uma espécie de monopólio de fato sobre a formação das cabeças de uma parcela muito importante da população. Ora, ao insistir nas variedades, preenchendo esse tempo raro com o vazio, com nada ou quase nada, afastam-se as informações pertinentes que deveria possuir o cidadão para exercer seus direitos democráticos. (BAUMAN, 1997, p. 23-24).

Fora isso, ataques às instituições até então consagradas e credíveis como OMS, Anvisa, entre outros órgãos de referência nacional e internacional, demonstram, também, a quebra das credibilidades citadas pelos dois autores: Bauman e Bourdieu. A pós-verdade é uma consequência irreversível da liquidez refletida neste estudo.

Na pós-verdade, mais do que interpretar e significar o acontecimento, cria-se uma versão que o sujeito tende a interpretar como verdadeira ou não, independente de investigações científicas quaisquer. Tal gesto interpretativo é possível devido à fluidez da informação, por sua instabilidade, por retratar um mundo tão farto de acontecimentos, tão amplo em dimensões planetárias e contraditório nos dizeres. (SIEBERT; PEREIRA, 2020, p. 244).

O alemão Tobias Peucer, médico e teólogo foi pioneiro no estudo acadêmico do jornalismo. Em sua tese de doutorado reflete sobre a tríplice: verdade, justiça e ética: “Da mesma forma, não se pode mentir nem dizer coisas falsas de sorte que o outro forme uma opinião falsa ou seja enganado, em tais casos, o autor trabalhará mais retamente, abstendo-se em transmitir coisas abertamente falsas”. (PEUCER, 1690, p.20).

A liquidez da modernidade é um universo com diversas consequências na atualidade. Ao mesmo tempo que a tecnologia democratizou a informação, descaracterizou-a. E o tempo, é um dos grandes inimigos desta sociedade que não tem um minuto a perder mas que, ao mesmo tempo, o perde nas desinformações e nas instantaneidades que os meios modernos apresentam.

CONCLUSÃO

Durante a COVID-19, a informação se tornou algo essencial para auxiliar a população a enfrentar a urgência e a entender os impactos da pandemia. Resgatar a importância da informação no telejornalismo neste estudo, demonstra o seu significado e como ele pode ser, facilmente, manipulado.

Pierre Bourdieu e Zygmunt Bauman contribuíram na pesquisa por demonstrar as mudanças ocorridas não somente nos conteúdos das informações em tempos atuais, mas no comportamento social. A liquidez mencionada, reflete a descaracterização de uma

sociedade que sabia viver comunitariamente e que, agora, está cada vez mais individualizada, sem tempo para refletir, pensar e olhar a sua volta.

Os avanços tecnológicos são um outro braço desta liquidez social. As fontes de informação se expandiram, a quebra do monopólio da comunicação aconteceu. O mesmo fato passa a ter muitas definições, interpretações e a sede pelo furo de reportagem apresenta como consequências informações incompletas, não verídicas e cada vez mais tendenciosas. A pós-verdade se estabelece e sobreviver neste mar, diante de tantas realidades, impulsiona à busca por credíveis fontes de informação.

A presente pesquisa finaliza de forma comparativa os reflexos desta liquidez e pós-verdade na comunicação das duas maiores emissoras de telejornalismo do país sobre um mesmo fato. Abordando, como exemplo, o dia 25/03/2020- Reunião do Presidente da República, Jair Bolsonaro, com os Governadores da Região Sudeste, é possível perceber que o Jornal Nacional adotou postura mais favorável ao Governo do Estado de São Paulo e crítica ao Presidente da República. Já o Jornal da Record, optou por uma postura mais favorável a Bolsonaro, mas, ao mesmo tempo, não crítica a Dória (ver Tabela 5). Neste exemplo das exposições dos dois telejornais citados, a repercussão ocorreu a respeito do conflito de posicionamento entre dois governantes: o Presidente da República (Jair Bolsonaro) e o Governador do Estado de São Paulo (João Dória) que trocaram acusações públicas nesta mesma reunião sobre o isolamento social adotado durante a pandemia da COVID-19 e defendido pela Organização Mundial da Saúde (OPAS, 2020). Isolamento social, este, constantemente criticado por Bolsonaro.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia Franz; SOUZA, Elise Azambuja. **Jornalismo, fontes científicas e controvérsias na fabricação das incertezas**. In: Cilene Victor; Cidival Morais Sousa. (Org.). A pandemia na sociedade de risco: perspectivas da comunicação. Campina Grande/PB: EDUEPB, 2021, v. , p. 333-366.

ARENDRT, Hannah. Verdade e Política. In: **Entre o Passado e o Futuro**. Tradução de Manuel Alberto. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1995. Disponível em: <https://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2014/11/Verdade-e-pol%C3%ADtica.pdf> . Acesso em: 24 jul. 2022.

ART OF THE LIE. Politicians have always lied. Does it matter if they leave the truth behind entirely? **The Economist**, 10 set. 2016. Disponível em: <https://www.economist.com/leaders/2016/09/10/art-of-the-lie> . Acesso em: 02 ago. 2022.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BERCKEMEYER, Fernando. A mentira da pós-verdade. **Uno: D+I desenvolvendo ideias**, São Paulo, v. [s.n.], n. [27], p.26-27, mar. 2007. Disponível em: <https://www.revista->

uno.com.br/numero-27/a-mentira-da-pos-verdade/ . Acesso em 29 maio. 2022.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão seguido de: A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos**. Tradução Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

COSTA, Caio Túlio. **Ética, jornalismo e nova mídia: uma moral provisória**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

DUNKER, Christian et al. **Ética e pós-verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2017.

GLOBO. "A internet deu voz aos imbecis", diz Alexandre de Moraes sobre milícias digitais. **G1**, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/video/a-internet-deu-voz-aos-imbecis-diz-alexandre-de-moraes-sobre-milicias-digitais-10575667.ghtml> . Acesso em: 29 maio. 2022.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança Estrutural da Esfera Pública**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

MELO, Maytê Luanna Dias; ROSA, Maria Nilza Barbosa; OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de. Memória, Informação e Pós-verdade em tempos líquidos. *Conci: Convergências em Ciência da Informação*, Sergipe, v3, n.1, p. 25-41, 11 jun. 2020. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/conci/article/view/13624/10624> . Acesso em: 31 maio. 2022.

OPAS. Orientação sobre o uso de máscaras no contexto da COVID-19. **Organização Pan-Americana da Saúde**, 6 abr. 2020. Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/51994/OPASBRACOV1920041_por.pdf?sequence=1&isAllowed=y . Acesso em: 03 ago. 2021.

ORWELL, George. **1984**. Tradução Sandro Ribeiro. São Paulo: Pé da Letra, 2020.

OXFORD Dictionaries, 2016. Disponível em: <https://www.lexico.com/definition/post-truth> . Acesso em: 29 maio. 2022. Tradução pessoal.

PEUCER, Tobias. **Os relatos jornalísticos**. 1690. 16 f. Tese (Doutorado em Periodística)– Universidade de Leipzig, Alemanha, 1690. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2070/1812> . Acesso em: 04 jun. 2022.

SIEBERT, Silvânia; PEREIRA, Israel Vieira. A pós-verdade como acontecimento discursivo. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 20, n. 2, p. 239-249, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/vykt83t8h8874gJT7ys46sy/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 29 maio. 2022.

TESICH, S. A government of lies (political ethics). **The Nation**, Nova Iorque, n. 254, p. 12-13, 1992.

ZELIZER, Barbie. O que fazer com o jornalismo?. **Pesquisa em jornalismo brasileiro**, [S. l.], v. 10, n. 2, pág. 12–27, 2015. DOI: 10.25200/BJR.v10n2.2014.737. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/737> . Acesso em: 30 maio. 2022.